

SUPLEMENTO  
UMORISTICO DE

O SÉCULO



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Século, 45—Lisboa

## BOLCHEVISMO IMBERBE



- Poque me pende, sr. policia?  
—Porque o menino estava a dizer que devia ser suprimido o exército...  
—O' sr. policia! Eu refelia-me aos soldadinhos de chumbo...



## PALESTRA AMENA

## Conforto

Deliciosamente acomodado em seu leito, com uma temperatura axilar de 39 graus e meio, *J. Neutral* está ditando e redigindo esta palestra, graças a um esforço de vontade que o leitor muito deve louvar, porque é o leitor quem lhe impõe esse sacrificio, aliás gostoso de cumprir.

A tal estado chegou *J. Neutral* por varias circunstancias, entre elas a de se ter visto obrigado, após muitas peripécias de vilegiatura, a acolher-se á benéfica hospedagem d'um albergue da Figueira da Foz que dá pelo nome de *Hotel Lisbonense*: do excelente acolhimento adveiu-lhe, entre outros precalços d' sômenos importancia, a agradabilissima interite que atualmente o retém na cama, a recordar uns apetitosos *menús* de sardinha, pimenta, sebo e outros ingredientes, com que no referido hotel fizeram jus a uma modestissima diaria de quatro escudos, incluindo o direito de permanecer n'um aposento terreo, com um espelho quebrado, duas cadeiras mutiladas, uma cama com um enxergão de calhaus e a companhia permanente d'um exercito alado de moscas e melgas e d'outro, aptero, de diversos insectos que não designamos pelos seus nomes vulgares porque somos bem educados.

Recomendando o dito estabelecimento a todas as pessoas que viajem e que desejem obter os oito dias de perna estendida que estamos gosando (oito dias, no dizer d'um abalisado clinico), pomos termo a esta palestra, que não é tão amena como de costume, por motivos obvios e temos muito prazer em afirmar que o *Hotel Lisbonense* da Figueira da Foz é o que se pode chamar um hotel... e péras.

*J. Neutral.*

## Mulheres policia

Depois de varias tentativas, que faharam, lá conseguiram os da terra dos gaiteiros ter uma corporação policial feminina, que sobre a masculina apresenta tantas vantagens que muito desejaríamos a adopção entre nós, de



igual sistema. Essas vantagens saltam á vista de qualquer pessoa, por mais burra que seja, mas nunca é de mais insistir:

1.º — Cessa a relutancia que toda a gente possui em dar-se á prisão. Logo que uma senhora diga: «Siga-me!» qual é o homem que se atreve a resistir ao convite?

2.º — Uma das manias dos ladrões, é, como se sabe, não quererem restituir o objecto roubado. Ora, se um gatuño empalmar um relógio, uma bolsa, etc. e se uma dama policial piscar o olho ao patife, qual é o que não põe logo para ali todos os valores que possui?

3.º — O que mais contribue para que a policia macha se distraia dos serviços que lhes estão cometidos é, evidentemente, a influencia que sobre ela possui o sopeirame da capital. Tal influencia deixa de existir logo que a policia seja fêmea.

Muitas outras razões poderíamos aduzir a favor do nosso tema, mas só mais uma apresentaremos e essa affigura-se-nos sufficiente para fazer calar qualquer objecção: a elegancia do corpo policial feminino, com pausinho e tudo!

## Outra vez!

Já se anunciou á boca pequena nova grêve do pessoal ferro-viario, que pôde muito bem não se realizar, mas que pode muito mal realizar-se efectivamente, pelo que é conveniente que o publico se vá preparando.

E' claro que muitas idéas nos occorrem, as quais, postas em pratica, evitarão que se faça sentir a falta de com-



boios, mas parece-nos inutil expô-las todas, porque uma basta para que quem tenha necessidade de viajar ou de se servir do trafico ferro-viario fique inteiramente socegado.

Vem a ser a seguinte: ter sempre á mão um burro preparado para o que der e vier, ou melhor, um comboio de burros, aparelhados para cavalaria e para transporte de mercadorias.

Para que os frequentadores de classes de luxo não se vejam obrigados a confundir-se com o vulgo, o referido comboio pode meter cavalos para a 1.ª classe e quiçá camelos para «toilettes»-camas.

Temos ou não boas idéas?

## Escrita

A proposito da transformação do Rossio perguntam-nos varios leitores como se deve escrever a palavra, que estavam habituados a ver com *c*, e agora vêm com *ss*, á antiga.

Escrevam como quiserem. Olhem: como se trata de transformar, escrevam *Rucio*, que é muito original.

## Não vale ralar

Contam as folhas que um dia d'estes ia um policia n'um carro electrico e no mesmo carro certo assassino, fugido das cadeias e que um passageiro reconheceu, denunciando-o ao dito policia, o qual se limitou a encolher os hombros, de modo que o assassino se escapuliu sem incomodo de maior.

Nada temos que ver com o caso, que está bem dentro das cavalheirescas tradições portuguezas e se a ele aludimos é porque nos lembra outro, tambem policial, que revelamos por.



que a pessoa visada já lá está na terra da verdade e não ha perigo de que o governo a premeie com alguma condecoração.

Trata-se de um comissario de policia da capital d'um distrito do sul e que era a pontualidade em pessoa, qualidade primacial em todo o bom funcionario publico. Um dia, ou antes, uma noite, tendo chegado ao commissariado um telegrama com a nota de urgente, um dos guardas correu a casa do referido cidadão todo esbaforido:

- Sr. commissario! sr. commissario!
- Que é, homem?
- Está aqui um telegrama urgente para v. ex.ª.

O nosso homem, indignado:

— O' sua besta! Quantas vezes querem que lhes repita que só abro a correspondência ás onze horas da manhã? Tem o merito de não ser mentira.

## Torre de chifre

## A enfermeira

*Quando os soldados se feriam  
As enfermeiras sorriam  
E curavam os desgraçados,  
Não só os generaes  
Como os outros officiaes:  
Como até os soldaaos.*

*Punham algodão hidrofílico  
Até em qualquer germanofilo,  
Até no proprio inimigo,  
Se o kaiser ficasse ferido  
Seria tratado e afeudado  
Atavez de todo o perigo.*

*As batalhas terminadas  
Foram elas condecoradas  
Mas a maior recompensa  
Foi a voz da consciencia  
N'uma grande independencia  
N'uma alegria imensa!*

Al da P. Quintino

**Má pratica**

Cá temos outra mania, das muitas com que ultimamente os moralões querem transformar os costumes: o *Seculo*, desculpe-nos o papá, mas a lei é igual para todos, deu agora em descrever as *sovaqueiras*, os *vitiñarios* e outras figuras importantes, provavelmente para nos prevenirmos contra elas ou para que a policia as conheça.

E' uma deslealdade, que vai ofender a modestia de quem não deseja dar nas vistas, e uma prevenção a mais para as pessoas honestas, que já não tinham poucas. Não sabendo oficialmente com quem tratamos, nada nos obriga a mostrar desconfiança do proximo; de futuro, estamos bem servidos: a quantas pessoas de respeitabilidade teremos de deixar de apertar a mão!

**Fado do bacalhau pôdre****MOTE**

*Quem vir pôdre bacalhau  
Não o trate com desdem  
Porque Deus também castiga,  
Não diz quando nem a quem.*

**GLOSAS**

Causou muita sensação  
Em terras de Portugal  
O bacalhau cheirar mal  
Como qualquer cidadão!  
Pois se até o proprio pão  
E' tão nojento e tão mau,  
Se tem farinha de pau  
E de trigo tem tão pouca,  
Como pode abrir a bôca  
*Quem vir pôdre bacalhau?*

Ha pessoas curiosas!  
Não sabem o que lhes digo?  
Que o nosso fiel amigo  
Não pode cheirar a rosas.  
Pois não são tão mal cheirosas  
Mil outras coisas tambem?  
Quando elas nos sabem bem  
Perdoamos o fedor,  
Coma o badejo, leitor,  
*Não o trate com desdem.*

Como tudo anda por cá  
Com tão grande carestia,  
Quem sabe lá se algum dia,  
Mesmo pôdre faltará?  
Talvez quizesse *fote-gras*  
Por este preço! Uma figal  
Não creia, pois, n'essa intriga,  
Ou antes, n'esses boatos;  
Não seja peor que os ratos,  
*Porque Deus também castiga.*

Se havia de estar contente  
A terra dos affacinhas  
Por não comer só espinhas,  
Ainda refila o dente!  
E' pagar e ser prudente,  
Não dizer mal do que tem.  
Que se ao lojista convem  
Por ganancia ou por capricho  
Começa a vender só lixo,  
*Não diz quando nem a quem!*

CARAPAU DE GATO.

**EM FOCO****D. Antonio de Orléans y Bourbon**

*Dizem que vossa alteza está maduro!  
E apresentam, em prova da desgroça,  
O ter gasto com fêmeas muita massa,  
Ou, em bom castelheiro, muito duro.*

*Pois eu, pelo contrario, afirmo e juro  
Que se tal se deduz é por chalaça;  
Fez o que outrem faria d'essa raça  
Ou d'outra até, de sangue mais impuro.*

*Seria coisa assaz atrazadora  
Julgar que uma pessoa perde o sizo  
Por uma coisa que a ninguem desdoura.*

*Vou dar-vos um exemplo, se é preciso:  
Pedi-me dez tostões uma senhora,  
Dei-lh'os e estou sãosinho do juizo.*

BELMIRO.

**Heterogeneidade**

Não tarda que esteja resolvida a questão do barateamento do peixe, para o que ha já publicados muitos substanciosos projectos, tantos que, se nos podessemos alimentar de papel, substituiriam vantajosamente o dito comestivel.

Um dos projectos, segundo diz um jornal, occupa-se ao mesmo tempo do custo do carvão, «muito de atender no estudo do problema». Pois decerto que é e escusado seria acentua-lo: sem carvão, nosso diabo se haviam de comer as belas das sardininhas assadas nas brazas?

**Noticias de Fiume**

Vamos agora explicar porque não se conseguia render Fiume pela fome, apesar de serem esses os desejos do governo italiano e de, na verdade, se terem cortado as comunicações com



aquela cidade, não se deixando entrar mantimentos alguns. Tal fenomeno — o de Fiume continuar abastecida — deve-se tambem ao genio de Gabriel

d'Annunzio, conforme passar os a expôr:

No primeiro dia em que a fome começou a fazer-se sentir, foi o poeta procurando, afim de providenciar, o que immediatamente fez, recitando as seguintes quadras:

*Comer?! Maldito costume!  
Não vêdes que é deshumano  
Comer enquanto Fiume  
Não se tornar italiano?*

*Não reclameis, gente tonta,  
Que isso não é de soldados!  
E disse, Fazei de conta  
Que estais todos almoçados.*

Com estes substanciosos versos se contentaram os homens e lá os foram digerindo até á hora do jantar, mas como essa hora lhes fosse dada pelo estomago, voltaram á carga, pelo que Gabriel d'Annunzio, inflamado, lhes verberou o que se vai ler:

*Pois outra vez, vilanagem?  
Sabeis vós o que vos digo?  
Sustentai-vos de coragem  
E carne do inimigo!*

*De resto, gente infiel,  
Contente deveis estar  
Que versos de Gabriel  
Sustentam mais: que um jantar.*

Não vale a pena traduzir os acepipes que o poeta serviu aos seus quando lhe foram pedir a ceia; fique-se, porém, sabendo que excederam os anteriores em inspiração, a qual, pelo que se vê, não foi uma coisa por aí alem.

**Correspondencia**

Lourenço G. B. — Toda a gente tem a mania de fazer versos! O' homem, porque não faz botas, que é officio tão rendoso?

## A última rusga



—O' camarada: metemos esta gente no chelindró ou não?

—Não, bruto! As ordens são com as casas de tavolage e isto aqui é uma casa de batota!